

Educação na modernidade líquida: o desafio em educar

Education in Liquid Modernity: The Challenge of Educating

La educación en la modernidad líquida: el reto de educar

Recebido: 20/01/2022 | Revisado: 24/01/2022 | Aceito: 24/01/2022 | Publicado: 25/01/2022

Fabio José Antonio da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5881-6438>
Universidade Estadual de Londrina, Brasil
E-Mail: fjas81@hotmail.com

Ronualdo Marques

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6681-9914>
Universidade Federal do Paraná, Brasil
E-mail: ronualdo.marques@gmail.com

Paulo Roberto Ribeiro Marinho

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3661-7251>
Faculdade de Ensino Superior de Santa Bárbara, Brasil
E-mail: psicopaulomarinho@yahoo.com.br

Avanilde Polak

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7510-4961>
Universidade Estadual do Centro Oeste, Brasil
E-mail: avapolak@gmail.com

Vinícius Guiraldelli Barbosa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9672-377X>
Faculdade Futura, Brasil
E-mail: vinicius.barbosa@professorfaculdedefutura.com.br

Marco Antônio Ribeiro Merlin

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8918-7064>
Centro Universitário UNIFACEAR, Brasil
E-mail: marco.merlin@unifacear.edu.br

Mauricio Barcelos de Barros Cruz

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8489-9732>
Secretaria de Estado e Educação de Minas Gerais, Brasil
E-mail: mauricio07jesus@gmail.com

Gilson Alves Ribeiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7000-4109>
Secretaria Estadual da Educação de São Paulo, Brasil
E-mail: gilsonalvesribeiro@gmail.com

Antônio Igo Barreto Pereira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2629-3094>
Universidade Federal do Acre, Brasil
E-mail: antonio.pereira@ufac.br

Gilmarques Lopes Gomes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3736-2748>
Universidade Federal da Paraíba, Brasil
E-mail: gilopesq@gmail.com

Resumo

A educação foi, no passado, capaz de ajustar-se às circunstâncias em mudança e assim fornecer alguma base; mas a mudança presente não é como as mudanças passadas e a arte de viver em um mundo saturado de informações ainda tem que ser aprendido. Desta forma, o objetivo deste estudo foi relacionar a educação na modernidade líquida e o desafio de educar. O poderoso fluxo da modernidade sólida para a modernidade líquida pressagiado novas mudanças sociais até então desconhecidas em alcance e velocidade está criando novas condições sem precedentes nas quais os indivíduos devem perseguir seus objetivos fragmentários. A educação no passado assumiu muitas formas e provou ser capaz de se ajustar às mudanças e circunstâncias, estabelecendo novos objetivos e desenhando novas estratégias. Transferir para os alunos individualmente a responsabilidade pela composição da trajetória de ensino/aprendizagem reflete a crescente relutância dos alunos em assumir compromissos de longo prazo que restringem o leque de opções futuras e limitam o campo de manobra. Entre os efeitos conspícuos das pressões desinstitucionalizantes estão a "privatização" e a "individualização" dos ambientes e situações de ensino-aprendizagem, bem como uma substituição gradual, mas implacável, da relação ortodoxa professor-aluno com o fornecedor-cliente, ou compras -padrão de compras de shopping. Este é o cenário social em que os educadores de hoje se encontram obrigados a operar.

Palavras-chave: Educação; Modernidade líquida; Educar.

Abstract

Education was, in the past, able to adjust to changing circumstances and thus provide some basis; but present change is not like past changes and the art of living in an information-saturated world still has to be learned. Thus, the purpose of this study was to relate education in liquid modernity and the challenge of educating. The powerful flow from solid modernity to liquid modernity presaged new social changes previously unknown in scope and speed is creating unprecedented new conditions in which individuals must pursue their fragmented goals. Education in the past has taken many forms and has proven capable of adjusting to changes and circumstances by setting new goals and designing new strategies. Transferring to individual students the responsibility for the composition of the teaching/learning trajectory reflects the increasing reluctance of students to make long-term commitments that restrict the range of future options and limit the room for maneuver. Among the conspicuous effects of de-institutionalizing pressures are the "privatization" and "individualization" of teaching-learning environments and situations, as well as a gradual but relentless replacement of the orthodox teacher-student relationship with the vendor-client, or shopping-standard mall shopping. This is the social scenario in which today's educators are bound to operate.

Keywords: Education; Liquid modernity; Educating.

Resumen

En el pasado, la educación era capaz de ajustarse a las circunstancias cambiantes y, por lo tanto, proporcionar cierta base; pero el cambio actual no es como los cambios pasados y el arte de vivir en un mundo saturado de información todavía tiene que ser aprendido. Así, el objetivo de este estudio era relacionar la educación en la modernidad líquida y el reto de educar. La poderosa corriente que va de la modernidad sólida a la modernidad líquida presagia nuevos cambios sociales hasta ahora desconocidos por su alcance y velocidad está creando nuevas condiciones sin precedentes en las que los individuos deben perseguir sus objetivos fragmentarios. La educación en el pasado ha adoptado muchas formas y ha demostrado ser capaz de adaptarse a los cambios y a las circunstancias, estableciendo nuevos objetivos y diseñando nuevas estrategias. El hecho de transferir a cada estudiante la responsabilidad de la composición de la trayectoria de enseñanza/aprendizaje refleja la creciente reticencia de los estudiantes a asumir compromisos a largo plazo que restringen el abanico de opciones futuras y limitan el margen de maniobra. Entre los efectos conspicuos de las presiones desinstitucionalizadoras están la "privatización" y la "individualización" de los entornos y las situaciones de enseñanza-aprendizaje, así como la sustitución gradual pero implacable de la relación ortodoxa profesor-alumno por la de proveedor-cliente, o compra-estándar. Este es el escenario social en el que los educadores de hoy se ven obligados a actuar.

Palabras clave: Educación; Modernidad líquida; Educar.

1. Introdução

O sociólogo Zygmunt Bauman caracteriza o tempo como um tempo de "modernidade líquida". Em vez de significados, categorias e quadros de referência estabelecidos, Bauman afirma que o significado está sempre em fluxo, aberto em vez de fechado.

Dada a avaliação de Bauman, as pedagogias voltadas para encontrar, aceitar ou impor significados ficam aquém. Eles oferecem significados fechados e 'acabados' em vez de um exame do processo contínuo e aberto de construção de significado.

O objetivo deste estudo foi relacionar a educação na modernidade líquida e o desafio de educar.

Como seria uma pedagogia para um tempo líquido? Esta é a questão animadora deste ensaio. Pedagogicamente nos interessa esse espaço ambíguo entre paradigmas de sentido.

Em vez de resolução ou acomodação e construção de um novo esquema (ou a aceitação do esquema estabelecido), exploramos a necessidade de construção e renovação constante de esquema - a necessidade de viver em um estado de emergência perpétua.

O poderoso fluxo da modernidade sólida para a modernidade líquida pressagiado e pressagiando novas mudanças sociais até então desconhecidas em escopo e velocidade está criando novos e condições sem precedentes nas quais os indivíduos devem perseguir seus objetivos fragmentários.

A educação foi, no passado, capaz de ajustar-se às circunstâncias em mudança e assim fornecer alguma base; mas a mudança presente não é como as mudanças passadas e a arte de viver em um mundo saturado de informações ainda tem que ser aprendido.

Este artigo se propõe a capturar a incerteza, mesmo que momentânea, da cultura líquido-moderna para dar algumas

compra às perguntas que a educação e os educadores devem fazer a ela.

A noção de “modernidade líquida” de Zygmunt Bauman sugere que anomalias, em vez de exceções, são a norma; estamos vivendo com incerteza permanente, precisando segurar todos os esquemas levemente.

2. Metodologia

Partindo desses pressupostos iniciais, esse estudo se configura metodologicamente como uma pesquisa qualitativa bibliográfica, elaborada a partir da análise e interpretação do conteúdo realizada em artigos, livros, teses e dissertações e textos da internet, levando ao pesquisador buscar ideias relevantes ao estudo, com registro confiável de fontes. Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo o que implica numa ênfase sobre as qualidades das entidades, dos processos e significados, o que determina que seus pesquisadores estudem as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem, evidenciando também as limitações situacionais que influenciam a investigação.

Para cumprimento do objetivo proposto foi adotada estratégia metodológica qualitativa, utilizando-se a técnica de levantamento e análise documental (Calado; Ferrera, 2015). A pesquisa qualitativa, segundo Higgs e Cherry (2009) refere-se a avaliações e interpretações críticas e qualitativas, sobre a proposta

Nesse contínuo, Gunther (2006), apresentam quatro bases teóricas da pesquisa qualitativa,

a) a realidade social é vista como construção e atribuição social de significados; b) a ênfase no caráter processual e na reflexão; c) as condições "objetivas" de vida tornam-se relevantes por meio de significados subjetivos; d) o caráter comunicativo da realidade social permite que o refazer do processo de construção das realidades sociais torne-se ponto de partida da pesquisa (Gunther, 2006, p. 202).

Para Ludke e André (2015), o procedimento do pesquisador na abordagem qualitativa é estar atento à multiplicidade de dimensões de uma determinada situação ou problema e após a análise dos dados, ele lança possibilidades de explicação da realidade, tentando encontrar princípios subjacentes ao fenômeno estudado e situar as suas descobertas num contexto mais amplo; trata-se de um esforço de construção ou estruturação de um quadro teórico, dentro do qual o fenômeno possa ser interpretado e compreendido.

No primeiro momento buscamos compreender o conceito de modernidade líquida, e a partir desse conceito, apresentar os desafios na educação nesse contexto e também direcionar a reflexão para as relações professor-aluno no ambiente líquido-moderno.

3. Resultados e Discussão

3.1 Modernidade Líquida

Pode-se dizer que a cultura está em sua fase líquido-moderna feita à medida de (prontamente perseguida, ou suportada como obrigatória) a liberdade individual de escolha. E que se destina a servir essa liberdade.

E que se destina a fazer com que a escolha permaneça inevitável: uma necessidade de vida e um dever. E essa responsabilidade, a companheira inalienável da livre escolha, permanece onde as condições líquido-modernas forçou: nos ombros do indivíduo, agora nomeado o único gerente da “política da vida” (Candau, 2016).

Derreter os sólidos” significava, antes e acima de tudo, eliminar as obrigações “irrelevantes” que impediam a via de cálculo racional dos efeitos; [...] Por isso mesmo essa forma de “derreter os sólidos” deixava toda a complexa rede de relações sociais no ar – nua, desprotegida, desarmada e exposta, impotente para resistir às regras de ação e aos critérios de racionalidade inspirados pelos negócios, quanto mais para competir efetivamente com eles (Bauman, 2001, p.10).

A cultura de hoje consiste em ofertas, não em normas. Como já observou Pierre Bourdieu, a cultura vive pela sedução, não pela regulação normativa; não policiamento; criando novas necessidades/desejos/desejos, não coação (Moreira, Tadeu, 2011).

Essa sociedade é uma sociedade de consumidores, e assim como o resto do mundo visto e vivido pelos consumidores, a cultura se transforma em um armazém de produtos destinados ao consumo cada um competindo pela atenção inconstante de consumidores em potencial na esperança de atraí-la e segure-o por um pouco mais do que um momento fugaz (Bauman, 2010).

Abandonando padrões rígidos, entregando-se indiscriminada, atendendo a todos os gostos sem privilegiar nenhum, incentivando a adequação e a “flexibilidade” (um nome politicamente correto de covardia) e romantizar a instabilidade e a inconsistência é portanto, a estratégia “certa” (a única razoável?) a seguir; meticulosidade, sobancelhas levantadas, o endurecimento dos lábios superiores não é recomendado (Goergen, 2012).

De acordo com Candau (2016) uma qualidade louvável e até decente em uma sociedade em que as redes substituem estruturas e onde o jogo de apego/desapego e uma interminável precissão de conexões e desconexões substitui.

A fase atual da transformação gradual da ideia de “cultura” inspirada no Iluminismo para sua reencarnação líquido-moderna é solicitada e operada pelo mesmas forças que promovem a emancipação dos mercados das demais restrições de natureza não econômica as restrições sociais, políticas e éticas entre elas (Harvey, 2012).

Na busca de sua própria emancipação, a economia líquida-moderna focada no consumidor se baseia no excesso de ofertas, seu envelhecimento acelerado e rápida dissipação de seu poder de sedução, o que, aliás, o torna uma economia do desperdício e do desperdício. Como não se sabe de antemão quais das ofertas podem provar ser tentador o suficiente para estimular o desejo de consumo, a única maneira de descobrir leads através tentativas e erros dispendiosos (Pondé, 2011).

Um fornecimento contínuo de novas ofertas e um volume em constante crescimento de mercadorias em oferta também são necessárias para manter a circulação de mercadorias rápida e o desejo de substituir com produtos "novos e melhorados" constantemente atualizados - bem como para evitar que o consumidor insatisfação com produtos individuais de condensar em descontentamento geral com o modo de vida consumista como tal (Goergen, 2012).

A cultura está se transformando agora em um dos departamentos do 'tudo o que você precisa e pode sonhar' loja de departamentos na qual se transformou o mundo habitado pelos consumidores. Como em outros departamentos dessa loja, as prateleiras estão repletas de mercadorias reabastecidas diariamente, enquanto os balcões são adornados com os comerciais das últimas ofertas destinadas a desaparecer em breve juntos com as atrações que anunciam (Bauman, 2001).

A cultura líquido-moderna, ao contrário da cultura da era da construção da nação, não tem “povo” para 'cultivar'. Em vez disso, tem seus clientes para seduzir. E, ao contrário de seu antecessor “moderno sólido”, não deseja trabalhar, eventualmente, mas quanto mais cedo melhor, sem emprego. Seu trabalho agora é renderizar seus própria sobrevivência permanente – através da temporalização de todos os aspectos da vida de suas antigas alas, agora renascidas como seus clientes (Bauman, 2010).

A política sólida-moderna de lidar com a diferença, a política de assimilação a cultura e despojar os estranhos de outras estranhezas, não é mais viável, mesmo se considerado por alguns como desejáveis. Mas também não são as velhas estratégias de resistência à interação e fusão de culturas susceptíveis de serem eficazes, mesmo se consideradas preferíveis para pessoas que gostam de separação estrita e isolamento de “comunidades de pertencimento” - mais precisamente, comunidades-de-pertencimento-por-nascimento (Bauman, 2010, p.27).

Além da as raízes desenham e determinam antecipadamente a forma que as plantas que crescem a partir delas irão assumir, excluindo a possibilidade de qualquer outra forma; mas as âncoras são apenas instalações auxiliares da embarcação móvel que não definem as qualidades e desenvoltura do navio.

Os alongamentos do tempo separar o lançamento da âncora de desenhá-la novamente são apenas episódios da

trajetória do navio. A escolha do refúgio no qual a âncora será lançada em seguida é provavelmente determinada pelo tipo de carga que o navio está transportando atualmente; um porto bom para um tipo de carga pode ser inteiramente impróprio para outro (Bauman, 2010).

Em suma, a metáfora das âncoras captura o que a metáfora do “desenraizamento” perde ou mantém silêncio sobre: o entrelaçamento de continuidade e descontinuidade na história de todos ou pelo menos um crescente número de identidades contemporâneas.

3.2 Os novos desafios da educação

A história da educação foi repleta de períodos críticos em que se tornou evidente que testados e premissas e estratégias aparentemente confiáveis estavam perdendo o controle da realidade e exigiam uma revisão e reforma. Parece, porém, que a crise atual é diferente das crises do passado.

Em todas as épocas, o conhecimento foi avaliado com base em sua capacidade de representar fielmente o mundo. Mas como fazer quando o mundo muda de uma forma que desafia constantemente a verdade do saber existente, pegando de surpresa até os mais “bem-informados”? (Bauman, 2010, p. 43).

O dia de hoje desafios dão duros golpes na própria essência da ideia de educação tal como foi formada no limiar da longa história da civilização: eles colocam em questão os invariantes da ideia, a características constitutivas da educação que até agora resistiram a todos os desafios do passado e emergiram ilesos das crises passadas, as suposições nunca antes questionadas, muito menos suspeitas de tendo esgotado o seu curso e necessitando de substituição (Alfano, 2015).

No mundo líquido-moderno, a solidez das coisas, assim como a solidez dos laços humanos, é ressentida como uma ameaça: qualquer juramento de fidelidade, qualquer compromisso de longo prazo (quanto mais atemporal), pressagia um futuro sobrecarregado com obrigações que restringem a liberdade de movimento e reduzem a capacidade de assumir novas oportunidades, ainda desconhecidas, à medida que elas (inevitavelmente) surgem (Bauman, 2015).

A perspectiva de ser selado com uma coisa para a duração da vida é francamente repulsivo e assustador. E não é à toa, já que se sabe que até as coisas mais cobiçadas envelhecem rápido, perdem o brilho em pouco tempo e se afastam um distintivo de honra em um estigma de vergonha (Pondé, 2011).

Os editores de revistas brilhantes sentem o pulso do tempo bem: juntamente com as informações sobre o novo 'você deve fazer' e o novo 'você deve ter' eles regularmente fornecem aos seus leitores conselhos sobre "o que está fora" e precisa ser descartado. Nosso mundo é cada vez mais remanescente da “cidade invisível” de Leonia de Italo Calvino, onde “não é tanto pelo coisas que a cada dia são fabricadas, vendidas, compradas que você pode medir a opulência... pelas coisas que a cada dia são jogadas fora para dar lugar ao novo” (Harvey, 2012, p.18).

A alegria de “receber livrar a capacidade de durar muito não fala mais a favor das coisas. Espera-se que coisas e vínculos servir apenas por um período fixo e ser triturado ou descartado de outra forma, uma vez que sobrevivam a sua utilidade – o que eles devem fazer. E assim as posses, e particularmente as posses duradouras não se pode livrar facilmente, devem ser evitados (Oliveira, 2012).

O consumismo de hoje é sobre não acumulação de coisas, mas o seu prazer "único". Então, por que o ‘pacote de conhecimento’ obtido durante a permanência na escola ou na faculdade está isenta dessa regra universal? No turbilhão da mudança, conhecimento adequado para uso instantâneo e destinado a uso “único”, conhecimento pronto para uso instantâneo e conhecimento de descarte instantâneo do tipo prometido por programas de software que entram e saem da loja prateleiras em uma sucessão cada vez mais acelerada, parece muito mais atraente (Bauman, 2015).

E assim o pensamento de que a educação pode ser um ‘produto’ que deve ser apropriado e mantido é desanimador e

certamente não fala mais a favor da educação institucionalizada. Para convencer seus filhos do uso da aprendizagem, pais e mães de outrora costumavam dizer-lhes que ‘o que você aprendeu, ninguém nunca vai tirar’; que poderia ter sido uma promessa encorajadora para seus filhos, mas seria uma perspectiva horrível para os jovens contemporâneos (Bauman, 2009).

Os compromissos tendem a ser ressentidos, a menos que venham com uma cláusula "até novo aviso". Em um crescente número de licenças de construção de cidades americanas são emitidas apenas com licenças de demolição, enquanto recentemente gerais americanos se opuseram ao engajamento de suas tropas no terreno até que um convincente "cenário de saída" foi elaborado (Oliveira, 2012).

O segundo desafio às premissas básicas da educação vem da errática e essencialmente natureza imprevisível da mudança contemporânea e adiciona poder ao primeiro desafio.

Em todos os momentos o conhecimento era valorizado por sua representação fiel do mundo; mas e se o mundo mudar em uma maneira que desafia continuamente a verdade do conhecimento existente, constantemente levando até mesmo os "melhores informados de surpresa? (Bauman, 2001).

De acordo com Harvey (2012) Werner Jaeger, autor da clássica exploração da raiz do conceito de pedagogia e aprendizagem, acreditavam que a ideia de educação nasceu dos pressupostos gêmeos da ordem imutável do mundo que subjaz a todos os a variedade superficial da experiência humana e a natureza igualmente eterna das leis que governam natureza humana. A primeira suposição justificou a necessidade e os benefícios do conhecimento transmissão de professores para alunos.

Para esculpir a personalidade dos alunos, como os escultores fazem no mármore, a forma que se presume ser, para sempre, correto, belo e bom – e por essas razões virtuoso e nobre.

Se as descobertas de Jaeger estiverem corretas (e não foram refutadas), então a “educação como a conhecemos” está em apuros, pois hoje em dia é preciso um grande esforço para sustentar qualquer uma dessas suposições e ainda mais esforço para perceber eles como autos evidentes (Goergen, 2012).

Ao contrário do labirinto dos behavioristas, o mundo vivido nos dias de hoje parece mais uma engenhoca para esquecer, em vez de um cenário para aprender.

As partições podem ser, como naquele laboratório labirinto, impenetrável, mas eles estão em rodízios e constantemente em movimento, carregando o testado, explorou as rotas de ontem com eles. Ai das pessoas com memória retentiva - os fiéis de ontem rastros são encontrados pouco tempo depois para acabar em paredes brancas ou areia movediça, e o habitual, uma vez padrões comportamentais infalíveis começam a trazer desastre em vez de sucesso (Candau, 2016).

Nesse mundo, aprender é obrigar-se a perseguir infinitamente os objetos para sempre indescritíveis que, além disso, começam a derreter no momento em que são agarrados, e uma vez que as recompensas pela ação adequada tendem a ser movidas diariamente para diferentes locais, reforços podem enganar tanto quanto tranquilizar: são armadilhas a serem observadas e evitadas, pois podem instilar hábitos e impulsos que em pouco tempo se mostrarão inúteis, se não prejudiciais (Brito, Purificação, 2017).

Dominação” consistia no direito de estabelecer regras inquebráveis, supervisionar suas implementações, colocar os obrigados a seguir as regras sob vigilância contínua, trazer os desviantes de volta à linha ou expulsá-los se o esforço de reforma falhar. Esse padrão de dominação exigia um constante engajamento mútuo de gestores e administrados (Almeida et al, 2009).

Em cada panóptico estrutura havia um Pavlov que determinava a sequência de movimentos e fazia com que ela repetisse monotonamente, imune a quaisquer contrapressões presentes ou futuras. Com os desenhistas e supervisores dos panópticos garantindo a durabilidade dos ajustes e a repetitividade das situações e escolhas, valeu a pena aprender as regras de cor e incorporá-las em e hábitos seguidos automaticamente (Silva, 2016).

E a modernidade “sólida” foi de fato a era que se aproximava configurações duráveis, gerenciadas e supervisionadas de perto. No estágio “líquido” da modernidade, a demanda está secando rapidamente para o gerenciamento ortodoxo (Bauman, 2010).

A dominação pode ser conquistada e assegurada com muito menos dispêndio de esforço, tempo e dinheiro, por meio da ameaça de desligamento ou recusa em se envolver, em vez de controle intrusivo e vigilância. A ameaça de desligamento transfere o ônus probandi para o outro, dominado lateral. Cabe agora aos subordinados comportar-se de maneira a agradar aos olhos dos chefes e seduzi-los a 'comprar' seus serviços e seus 'produtos' projetados individualmente - assim como os outros produtores e comerciantes seduzem os potenciais clientes a desejar as mercadorias colocadas à venda. “Seguir a rotina” não seria suficiente para atingir esse objetivo (Candau, 2016, p. 47).

Atribuir importância a vários bits de informação e, mais ainda, atribuir mais importância para uns do que para outros, é talvez a tarefa mais desconcertante e a mais difícil decisão a tomar.

A única regra prática pela qual se pode guiar é a relevância tópica momentânea, mas então a relevância muda de um momento para outro e os bits assimilados perdem seu significado assim que forem usados. Como outras commodities no mercado, eles são para uso instantâneo, no local e “único”.

A educação no passado assumiu muitas formas e provou ser capaz de se ajustar às mudanças circunstâncias, estabelecendo novos objetivos e desenhando novas estratégias. A presente mudança não é como as mudanças passadas. Em nenhum momento decisivo da história humana os educadores enfrentaram um desafio estritamente comparável ao que a época contemporânea apresenta. Simplesmente, temos nunca esteve em tal situação antes (Brito, Purificação, 2017).

A arte de viver em um mundo supersaturado de informações ainda precisam ser aprendidas. E também a arte ainda mais difícil de preparar humanos para tal viver.

3.3 Relações professor-aluno no ambiente líquido-moderno

Sobre as origens de um de seus contos marcantes, A Busca de Averbóis, o grande escritor argentino Jorge Luis Borges disse que nele tentou ‘narrar o processo de fracasso’, de ‘derrota’ como aqueles de um teólogo buscando a prova final da existência de Deus, um alquimista buscando a pedra filosofal, um aficionado por tecnologia em busca de um celular perpétuo ou um matemático buscando a forma de equacionar o círculo, Mas então ele decidiu que ‘um caso mais poético’ seria aquele ‘de um homem que se coloca como um objetivo que não é proibido para os outros, mas é para ele’ (Moreira, 2011).

Apenas algumas almas intrépidas tentam construir um perpétuo móvel ou encontre uma pedra filosófica; mas tentando em vão entender o que os outros não têm dificuldade na compreensão é uma experiência que todos conhecemos muito bem da autópsia e aprendemos diariamente de novo. Agora, no século XXI, mais do que nossos ancestrais fizeram no passado. Olha só um exemplo: comunicar-se com seus filhos se você for pai (Candau, 2016).

A aceleração radical do ritmo de mudança característica dos tempos modernos permitiu o fato de “as coisas mudarem” e “não serem mais como costumava ser” a ser notado no curso de uma única vida humana: o fato que implicava uma associação (ou até mesmo um nexos de causalidade) entre as mudanças na condição humana e a partida e chegada de gerações (Bauman, 2001).

Desde o início da modernidade e ao longo de sua duração, as coortes etárias que entram no mundo em diferentes estágios de transformação contínua tendem a diferir nitidamente na avaliação da vida condições que compartilham. As crianças, via de regra, entram em um mundo drasticamente diferente daquele em que seus pais foram treinados e aprenderam a tomar como padrão de “normalidade”; e eles vão nunca visite aquele outro mundo agora desaparecido da juventude de seus pais (Bauman, 2015).

O que por algumas coortes de idade pode ser visto como ‘natural’, como ‘como as coisas são’, ‘como as coisas

normalmente são feitas' ou 'devem ser feitas', pode ser visto por outros como uma aberração: como um desvio da norma, bizarro e talvez também um estado de coisas ilegítimo e irracional, injusto e abominável (Almeida *et al*, 2009).

O que para algumas coortes de idade pode parecer uma condição confortável e acolhedora, permitindo-lhes implantar o aprendido e dominado habilidades e rotinas, pode parecer estranho e desanimador para alguns, enquanto algumas pessoas podem sentir-se como um peixe na água em situações que fizeram os outros se sentirem desconfortáveis, confusos e perdidos como um peixe na água em situações que faziam os outros se sentirem desconfortáveis, confusos e perdidos (Brito, Purificação, 2017).

As diferenças de percepção tornaram-se agora tão multidimensionais que, ao contrário dos tempos pré-modernos, as pessoas mais jovens não são mais classificadas pelas gerações mais velhas como "adultos em miniatura". ou "pretensos adultos" – não como os "seres-ainda-não-completamente maduros, mas destinados a amadurecer" ("maduro em ser como nós") (Almeida *et al*, 2009).

Não se espera ou se supõe que os jovens estejam "no caminho de se tornarem adultos como nós", mas vistos como um tipo bastante diferente de pessoas, fadadas a permanecer diferentes 'de nós' a vida deles. As diferenças entre 'nós' (os mais velhos) e 'eles' (os mais novos) não parecem mais tão irritantes temporários destinados a se dissolver e evaporar à medida que os jovens (inevitavelmente) percebem até realidades da vida (Moreira, 2011).

Como resultado, as coortes de idade mais velha e mais jovem tendem a olhar uma para a outra com uma mistura de equívoco e equívoco. Os mais velhos temeriam que os recém-chegados ao mundo estão prestes a estragar e destruir aquela "normalidade" aconchegante, confortável e decente que eles, seus mais velhos, construíram laboriosamente e preservaram com carinho; o mais jovem, ao contrário, sentiria um desejo agudo de corrigir o que os veteranos envelhecidos erraram e fizeram uma bagunça (Candau, 2016).

Ambos seriam insatisfeitos (ou pelo menos não totalmente satisfeito) com o estado atual das coisas e a direção em que seu mundo parece estar se movendo – e culpe o outro lado por seu desconforto.

Em dois consecutivos questões de um semanário britânico amplamente respeitado, duas acusações muito diferentes foram tornadas públicas: uma colunista acusou os "jovens" de serem "bovinos, preguiçosos, recheados de clamídia e bons para nada", ao que um leitor respondeu com raiva que os jovens supostamente preguiçosos e indiferentes são, de fato, 'com alto desempenho acadêmico' e 'preocupados com a bagunça que os adultos têm criado' (Candau, 2016).

Qualquer que seja a escolha que venha a ser feita, será uma reminiscência do "manto leve" de Max Weber que se poderia sacudir do ombro à vontade e sem aviso prévio, em vez de seu "aço de aço". invólucro', oferecendo proteção eficaz e duradoura contra a turbulência, mas também limitando os movimentos do protegido e estreitando severamente o espaço do livre arbítrio (Goergen, 2012).

O que mais importa para o jovem é a retenção da capacidade de remodelar a "identidade" e a "rede" sempre que for necessário chega ou é suspeito de ter chegado. A preocupação dos ancestrais com a identificação é cada vez mais acotoveladas pela preocupação de re-identificação (Candau, 2016).

As identidades devem ser descartáveis; uma identidade insatisfatória ou insuficientemente satisfatória, ou uma identidade que trai sua idade avançada, necessidades ser fácil de abandonar; talvez a biodegradabilidade fosse o atributo ideal da identidade mais fortemente desejado (Bauman, 2001).

A capacidade interativa da Internet é feita à medida desta nova necessidade. É a quantidade de conexões ao invés de sua qualidade que faz a diferença entre as chances de sucesso ou fracasso. Ajuda a ficar a par das últimas novidades da cidade os sucessos mais ouvimos, os mais recentes designs de camisetas, as festas mais recentes e mais comentadas sobre festas, festivais, eventos de celebridades. Simultaneamente, ajuda a atualizar os conteúdos e redistribuir as ênfases no retrato de si mesmo; também ajuda a apagar prontamente os vestígios do passado, agora vergonhosamente conteúdos e ênfases

desatualizados (Querol, 2016).

Em suma, facilita muito, solicita e até exige a trabalhos perpétuos de reinvenção – a uma extensão inatingível na vida off-line. Este é sem dúvida uma das razões mais importantes para o tempo gasto pela ‘geração eletrônica’ no universo: o tempo em constante crescimento à custa do tempo vivido no ‘mundo real’.

4. Considerações Finais

O poderoso fluxo da modernidade sólida para a modernidade líquida – pressagiado e pressagiando novas mudanças sociais até então desconhecidas em alcance e velocidade – está criando condições novas e sem precedentes nas quais os indivíduos devem perseguir seus objetivos fragmentários.

O conceito de modernidade líquida foi cunhado pelo sociólogo e filósofo Zygmunt Bauman como uma metáfora para descrever a condição de constante mobilidade e mudança que ele vê nos relacionamentos, identidades e economia global na sociedade contemporânea. Em vez de se referir à modernidade e à pós-modernidade, Bauman visualizou uma transição de uma modernidade sólida para uma forma mais líquida de vida social (ou seja, “incapaz de manter qualquer forma ou curso por muito tempo e propensa a mudanças).

A cultura líquido-moderna é o aqui-e-agora e sua inebriante temporalidade exige adaptabilidade e flexibilidade, ao mesmo tempo em que as torna atraentes e até excitantes. O mundo está cheio de oportunidades sedutoras e promissoras, mas, como a vontade do fogo-fátuo, suas promessas de empoderamento são passageiras.

A educação foi, no passado, capaz de se ajustar às circunstâncias em mudança e, assim, fornecer algum fundamento; mas a mudança atual não é como as mudanças passadas e a arte de viver em um mundo supersaturado de informações ainda precisa ser aprendida. Este artigo pretende captar a incerteza, ainda que momentânea, da cultura líquido-moderna para dar alguma compra às questões que a educação e os educadores devem fazer a ela.

Referências

- Alfano, B. (2015). *A educação deve ser pensada durante a vida inteira*, diz Zygmunt Bauman. < <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/a-educacao-deve-ser-pensada-durante-vida-inteira-diz-zygmunt-bauman-17275423> >.
- Almeida, F., Gomes, I., & Bracht, V. (2009). *Bauman e a educação*. Ed. Autêntica.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Ed. Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2010). *Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos*. Ed. Zahar.
- Bauman, Z. (2009). Desafios pedagógicos e modernidade líquida: entrevista de Alba Porcheddu sobre a educação. *Cadernos de Pesquisa*, 39 (137) 661- 684
- Bauman, Z. (2015). *Observatório da imprensa entrevista o sociólogo Zygmunt Bauman*. Ed. Zahar.
- Bauman, Z. (2010). *Legisladores e intérpretes: Sobre a modernidade, a pós-modernidade e os intelectuais*, Jorge Zahar.
- Brito, G. D. Purificação, I. D. (2017). *Educação e novas tecnologias: um repensar*. Ed. Intersaberes.
- Calado, S. S., & Ferreira, S. C. R. (2005). Análise de Documentos: método de Recolha e Análise de Dados. Metodologia de Investigação I. Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
- Candau, J. (2016). *Memória e Identidade*. Tradução Maria Leticia Ferreira. Contexto.
- Denzin, N.; & Lincoln, Y. (2006). Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Normam; LINCOLN, Yonna. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, p. 15-41.
- Goergen, P. (2012). O embate modernidade/pós-modernidade e seu impacto sobre a teoria e a prática educacionais. *EccoS Revista Científica*, (28),149-169.
- Gunther, H. (2006). Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? *Psic.: Teor. e Pesq.*, 22 (2), 201-209.
- Harvey, D. (2012). *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. (22a ed.), Edições Loyola Jesuítas.
- Higgs, J. & Cherry, N. (2009). Doing qualitative research on practice. In: Higgs, J., Horsfall, D., Grace, S. (Eds.). *Writing Qualitative Research on Practice*. Rotterdam (NE): Sense Publishers, p. 3-12.

Ludke, M., & André, M. (2015). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. E.P.U.

Moreira, A. F., & Tadeu, T. (Org.). (2011). *Currículo, cultura e sociedade*. (12a ed.), Cortez.

Oliveira, L. P. de. (2012). Zygmunt Bauman: a sociedade contemporânea e a sociologia na modernidade líquida. *Revista Sem Aspas*, 1(1), 25–35.

Pondé, L. F. (2011). *A invenção do contemporâneo: o diagnóstico de Zygmunt Bauman para a pós-modernidade*. Ed. CPLF Cultura.

Querol, R. D. (2016). *Zygmunt Bauman: As redes sociais são uma armadilha*. https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html.

Silva, S. P. (2016). *Pós-modernidade, capitalismo e educação: a universidade na crise do projeto social moderno*, Ed. Appris.